

VIVENDO COM SINCERIDADE

Jesus anunciou aos Seus discípulos: “Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus” (5:20). Estas palavras eram um resumo prévio de tudo o que seria dito a seguir, em seu Sermão do Monte.

Na primeira porção do sermão, Mateus 5:21–48, Jesus emoldurou os Seus ensinamentos com cinco contrastes entre o que Ele dizia e o que as tradições judaicas haviam dito. Em 6:1–18, a segunda porção de suas instruções, Ele tratou das formas religiosas e do coração – colocando a verdadeira religião em oposição a rituais exteriores.

Após uma advertência geral (6:1), Jesus apresentou três importantes ilustrações: dar esmolas (6:2–4), orar (6:5–15) e jejuar (6:16–18). Craig S. Keener mencionou que era comum os mestres judeus usarem grupos de três exemplos em suas instruções¹.

UM AVISO GERAL (6:1)

¹Guardai-vos de exercer a vossa justiça diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles; doutra sorte, não tereis galardão junto de vosso Pai celeste.

Versículo 1. Ao falar sobre dar esmolas, orar e jejuar, Jesus disse, com efeito: “Prestem muita atenção ao que estou para dizer”. A palavra grega traduzida por **guardai-vos** (προσέχω, *prosechō*) sugere “prestar atenção” e “estar de guarda”. Jesus estava advertindo Seus discípulos a não desenvolverem a mesma atitude dos escribas e fariseus para com seus atos de **justiça**. A palavra “justiça” (δικαιοσύνη, *dikaiosunē*) já apareceu em 5:20. Todavia, “justiça” em 6:1 é uma introdução geral a 6:2–18, em vez de uma breve introdução à prática de dar esmolas comentada em 6:2–4.

A justiça impede a demonstração vazia e exterior de atividades religiosas que não procedem de um coração sincero. Nem boas obras nem atos de adoração devem ser praticados diante dos homens com o fim de **serem vistos por eles**. Ao contrário disso, devem ser feitos com corações devotados para honrar e glorificar a Deus. Quando os atos “justos” não são realizados com amor a Deus e aos semelhantes, tornam-se nulos e inúteis (1 Coríntios 13:1–3). Quem pratica atos religiosos com a motivação errada descobrirá que nenhum **galardão** [“recompensa”; NVI] lhe será dado pelo **Pai**. O termo “galardão” (μισθός, *misthos*) se repete no começo de cada tópico, como uma nota sobre a resposta de Deus à nossa doação de esmolas (6:2), oração (6:5) e jejum (6:16).

O DAR ESMOLAS (6:2–4)

²Quando, pois, deres esmola, não toques trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas, nas

¹Craig S. Keener, *A Commentary on the Gospel of Matthew*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1999, p. 207. Tobias 12:8 menciona a doação de “esmolas”, a “oração” e o “jejum”, mas também inclui “justiça” como um item à parte.

sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. ³Tu, porém, ao dares a esmola, ignore a tua mão esquerda o que faz a tua mão direita; ⁴para que a tua esmola fique em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.

Versículo 2. O particípio grego ὄταν (*hotan*) serve de marcador para o começo de cada seção concernente aos atos justos e é traduzido por **quando**, ou seja, “sempre que” (6:2, 5, 16). Jesus presumiu que Seus leitores já praticavam doações caridosas, orações e jejum. Essas atividades eram recomendadas ao povo judeu.

A palavra traduzida por “deres esmola”, ἐλεημοσύνη (*eleēmosunē*), pode se referir, em geral, à realização de qualquer ato de misericórdia ou pena. Não comunica apenas sentimentos de compaixão, mas ações genuínas realizadas para aliviar quem está em apuros. Segundo Tiago, não basta ter sentimentos afetuosos por quem está necessitado. O cristão procura aliviar os problemas de seus semelhantes através de atos de amor (Tiago 2:14–16).

No contexto em questão, a palavra *eleēmosune* refere-se mais especificamente à prática judaica de dar “esmolas” aos pobres. O termo aparece em outras passagens do Novo Testamento traduzido também por “dar esmolas” (Lucas 11:41; 12:33; Atos 3:2; 9:36; 10:2; 24:17). Michael J. Wilkins comentou: “A pobreza era muito presente nas sociedades agrárias antigas, e o povo de Israel levava a sério a obrigação de suprir as necessidades dos pobres (cf. Deuteronômio 15:11)”².

O Senhor estava condenando as doações aos pobres com o propósito de os doadores serem **glorificados pelos homens**. Os rabinos haviam pervertido a caridade entre os judeus de tal forma que muitos acreditavam que podiam comprar a salvação. O livro apócrifo de Tobias diz: “A esmola preserva da morte e purifica de todo pecado”³.

Jesus advertiu Seus discípulos a não serem hipócritas ao dar esmolas. Ele também disse que essas pessoas amavam ouvir o toque de uma **trombeta** diante de si **nas sinagogas e nas ruas**.

²Michael J. Wilkins, “Matthew,” em *Zondervan Illustrated Bible Backgrounds Commentary*, vol. 1, *Matthew, Mark, Luke*, ed. Clinton E. Arnold. Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 2002, p. 43.

³Tobias 12:9.

Será que essa observação é uma declaração literal de que os fariseus ricos, na verdade, faziam tocar uma trombeta quando davam esmolas para que fossem notados e glorificados por homens? Alguns estudiosos pensam que sim. Todavia, outros sugerem que as trombetas eram soadas na hora em que as esmolas eram recolhidas no templo. As treze urnas *shofar* (שׁוֹפָר, *shopar*, “chifre” em hebraico), destinadas à coleta de doações, tinham o formato de trombetas (chifres de carneiros)⁴, com tubos compridos e curvos para impedir que ladrões alcançassem e roubassem o dinheiro ali depositado. Quando as moedas eram depositadas nesses recipientes e rolavam pelos tubos, o barulho chamava a atenção das pessoas. O barulho das moedas também indicava até certo ponto a quantidade de dinheiro ofertada (veja Lucas 21:1, 2).

Não existem provas extrabíblicas de que alguém *individualmente* tenha mandado soar uma trombeta enquanto dava esmolas. Talvez a cena ilustrada por nosso Senhor seja apenas uma maneira figurada de descrever como os ofertantes atraíam para si a atenção das outras pessoas quando doavam esmolas. Talvez fosse, como concluiu Jack P. Lewis, “uma expressão metafórica comparável a ‘jogar confetes sobre si mesmo’”⁵. Segundo esse comentarista, a expressão “provavelmente vinha do fato de chifres de carneiros serem tocados quando se ofertavam esmolas nos jejuns públicos de outono pedindo por chuva”⁶.

Jesus referiu-se aos que davam esmolas para impressionar outros, agindo assim como **hipócritas**. “Hipócrita” é uma transliteração da palavra grega ὑποκριτής (*hupokritēs*), que se referia, em seu sentido básico, a um “ator de teatro”. Jesus tinha conhecimento do teatro. Ele certamente ouvira falar do teatro de Séforis, uma cidade gentia localizada a uns seis quilômetros de Nazaré. Todavia, antes dessa época, o termo *hupokritēs* já era usado no círculos judeus para embusteiros⁷. “[Essas pessoas] estavam realizando atos exteriores de justiça que mascaravam, até para elas próprias, sua corrupção interior. Hipocrisia, especialmente aqui, significa fazer *coisas certas* por

⁴Mishná, *Shekalim* 2.1; 6.1, 5.

⁵Adaptado de Jack P. Lewis, *The Gospel According to Matthew*, Part 1, *The Living Word Commentary*. Austin, Tex.: Sweet Publishing Co., 1976, pp. 98–99.

⁶Ibid., p. 99.

⁷Eclesiástico 1:29.

*motivos errados.*⁸ A palavra “hipócrita” aparece no começo de cada seção referente a justiça (6:2, 5, 16), e também em outros versículos de Mateus (7:5; 15:7; 22:18; 23:13, 15, 23, 25, 27, 29; 24:51).

Jesus disse que as pessoas que davam esmolas meramente para serem reconhecidas **já haviam recebido a recompensa**. “Eles já” traduz uma palavra grega que vem de ἀπέχω (*apechō*). Tratava-se de um termo contábil usado no mundo antigo no fim dos recibos cujo significado era “totalmente pago” (veja Filipenses 4:18)⁹. Jesus disse que o reconhecimento humano recebido pelos hipócritas seria a única recompensa deles. Não deveriam esperar nada mais do Pai celestial.

Versículo 3. Visando enfatizar ainda mais este ponto, Jesus disse: **“Tu, porém, ao dares a esmola, ignore a tua mão esquerda o que faz a tua mão direita”**. Esta exortação é geralmente entendida como uma frase proverbial sobre a máxima discrição ao se doar alguma coisa. Robert H. Gundry sugeriu um ponto de vista diferente: “É provável que a expressão deva ser entendida literalmente: presentes ou doações devem ser passados discretamente ao receptor unicamente com a mão direita, e não com as duas mãos de um modo que atraia a atenção de outros por perto”¹⁰.

Versículo 4. A pessoa que dá com sinceridade para fazer o bem e para agradar a Deus o faz **em secreto**, e Deus a abençoará por isso. “Em secreto” significa sem tentar atrair a atenção como os hipócritas faziam. O ensino de Jesus sobre dar secretamente não era estranho ao judaísmo. Segundo o Mishná, o templo tinha um lugar secreto onde um judeu humilde podia dar esmolas privadamente, sem chamar a atenção para si. Esse tipo de oferta ajudava uma família piedosa que era pobre¹¹. O Talmude ensina: “O homem que dá esmolas em secreto é maior do que Moisés, o nosso Mestre”¹². E também diz: “O doador não deve saber para quem está dando, e o receptor não deve saber de quem está recebendo”¹³.

Jesus, porém, não quis dizer que toda doação

⁸Wilkins, p. 44.

⁹Ceslas Spicq, *Theological Lexicon of the New Testament*, trad. e ed. James D. Ernest. Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1994, 1:162–64.

¹⁰Robert H. Gundry, *Matthew: A Commentary on His Literary and Theological Art*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1982, p. 102.

¹¹Mishná, *Shekalim* 5.6.

¹²Talmude, *Baba Bathra* 9b.

¹³*Ibid.*, 10b.

deve ser feita em secreto. Ele já havia dito: “Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus” (5:16). O ensino de Jesus consistia em que não se devem fazer boas obras com o propósito de que homens sejam louvados por causa delas. Deve-se fazer boas obras sem buscar reconhecimento; daí, se outros as observarem, Deus será glorificado. Jesus não estava condenando a publicidade decorrente de se fazer o bem, e sim a motivação de se fazer o bem visando somente ganhar publicidade.

Dar não deveria ser feito para se receber elogios de homens, mas para se receber recompensa de Deus: **“E teu Pai, que vê em secreto, te recompensará”**. Deus, em Sua onisciência, “vê” todos os atos caridosos feitos pelo Seu povo e “recompensará” justamente.

ORAR (6:5–15)

Não Como os Hipócritas (6:5–8)

⁵E, quando orardes, não sereis como os hipócritas; porque gostam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem vistos dos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. ⁶Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.

⁷E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque presumem que pelo seu muito falar serão ouvidos. ⁸Não vos assemelheis, pois, a eles; porque Deus, o vosso Pai, sabe o de que tendes necessidade, antes que lho peçais.

Jesus falou a seguir da oração, expondo a maneira certa e a maneira errada de orar. É certo orar, mas é errado orar como os “hipócritas”. Não devemos ver aqui uma simples reprovação da adoração pública. Jesus só estava advertindo contra ceder à tentação de ostentar nossas orações diante dos outros¹⁴.

Versículo 5. Jesus começou dizendo: **“E, quando orardes”**. Ele falava aos judeus que tinham o hábito de orar em certas horas do dia. As orações acompanhavam os sacrifícios matinais e

¹⁴David Hill, *The Gospel of Matthew*, The New Century Bible Commentary. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1972, p. 133.

vespertinos, que eram oferecidos à terceira hora (9h) e à hora nona (15h) (Esdras 9:5; Daniel 9:21; Lucas 1:10; Atos 3:1)¹⁵. As orações também eram oferecidas à hora sexta, ou seja, ao meio-dia (Atos 10:9). Portanto, era costume orar três vezes ao dia (Salmos 55:17; Daniel 6:10). Alguns cristãos primitivos continuaram essa prática¹⁶.

Jesus disse aos discípulos que eles não deveriam ser **como os hipócritas**. O próprio Jesus definiu “hipócritas” em Mateus 23: “Na cadeira de Moisés, se assentaram os escribas e os fariseus. Fazei e guardai, pois, tudo quanto eles vos disserem, porém não os imiteis nas suas obras; porque dizem e não fazem” (23:2, 3). A NVI traz a versão: “não praticam o que pregam”. Jesus, então, disse que os líderes judeus punham sobre o povo um fardo tão pesado que eles mesmos “nem com o dedo [queriam] movê-los” (23:4). Ele também falou dos motivos hipócritas dessas pessoas: “Praticam, porém, todas as suas obras com o fim de serem vistos dos homens” (23:5).

Não havia ocasião em que a hipocrisia podia ser mais claramente observada do que quando esses judeus estavam orando. Os hipócritas, disse Jesus, **gostam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem vistos dos homens**. Os judeus geralmente oravam em pé e olhando para o alto, com as mãos estendidas ao céu (1 Reis 8:22; Salmos 28:2; 63:4; 134:2; Lucas 18:11, 13). Segundo Robert H. Mounce, quem estivesse na rua na hora da oração, “deveria parar, virar-se para o templo e orar”¹⁷. Talvez os hipócritas até planejassem estar num local estratégico e visível quando fosse hora de orar.

Essas pessoas gostavam de orar publicamente porque isso favorecia a reputação de serem espirituais. Queriam ser conhecidas como “piedosas”. Buscavam atenção e se esforçavam muito para estar em situações que lhes dessem notoriedade (Lucas 18:9–14). Jesus disse que pessoas desse tipo **já receberam a recompensa**. A admiração dos homens é o único pagamento que receberiam (veja os comentários sobre 6:2).

Versículo 6. Em contraste com isso, Jesus orientou os discípulos a orarem humildemente a Deus **em secreto**. O **quarto** (ταμείον, *tameion*) ci-

¹⁵Veja Flávio Josefo, *Antiguidades* 14.4.3.

¹⁶*Didaquê* 8.3.

¹⁷Robert H. Mounce, *Matthew*, New International Biblical Commentary. Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1991, pp. 54–55.

tado era um cômodo de depósito dentro da casa. Visto que as casas eram geralmente feitas de tijolos de barro, ladrões podiam cavar embaixo das paredes (6:19) e adentrar a casa. Por isso, era importante ter um cômodo no interior com uma **porta** que pudesse ser fechada¹⁸. Quem ora de coração e em particular será **recompensado** pelo **Pai**, o qual tudo observa **em secreto**.

Jesus não estava proibindo a oração pública nos cultos dentro das sinagogas ou dos templos, mas estava reprovando a oração feita como um espetáculo. Jesus orou tanto em particular como em público, e Ele também ensinou publicamente Seus discípulos a orar (6:9–13).

Versículo 7. Jesus deixou implícito que os hipócritas não só queriam ser vistos orando, como também gostavam que *ouvissem* suas orações. Eles usavam de **vãs repetições**, com **muito falar**. Jesus não estava condenando longas orações. Pelo menos uma vez, Ele mesmo orou a noite toda (Lucas 6:12). Ele não estava tão preocupado com a duração das orações tanto quanto com a atitude de quem ora. A oração não devia ser feita para exibir eloquência ou nível intelectual.

Jesus não estava proibindo que Seus discípulos repetissem orações. No jardim do Getsêmani, na noite de Sua traição, Ele orou essencialmente a mesma oração três vezes (26:36–46). Em vez de condenar a repetição, Ele estava repreendendo o uso de frases inúteis e repetitivas. A palavra grega para “vãs repetições” (βατταλογέω, *battalogeō*) significa “palavrório ineficiente, inútil”. Quando Jesus repetiu a oração no jardim, Ele estava sendo sincero em Sua petição. A advertência era para que os discípulos não pensassem que precisavam impressionar a Deus com suas palavras para que fossem ouvidos. No primeiro século, alguns rabinos ensinavam que quanto mais longa fosse a oração, mas provável era que Deus a ouvisse e atendesse¹⁹.

Jesus disse que os **gentios** acreditavam que seriam ouvidos **pelo seu muito falar**. As religiões pagãs costumavam enfatizar o ritual correto, embora ignorassem a atitude do coração. Um

¹⁸Leon Morris, *The Gospel according to Matthew*, Pillar Commentary. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1992, 141, n. 22.

¹⁹Certo rabino disse: “Todo o que multiplica a oração é ouvido” (John Lightfoot, *A Commentary on the New Testament from the Talmud and Hebraica: Matthew—1 Corinthians*, vol. 2, *Matthew—Mark*. Oxford: Oxford University Press, 1859; re-impressão, Grand Rapids, Mich.: Baker, 1979, p. 145.

exemplo da meticulosidade deles encontra-se em Keener: “Os magistrados romanos liam as orações exatamente como haviam sido transmitidas pela tradição; ‘se uma só sílaba ou gesto fosse realizado incorretamente, toda a oração seria invalidada’”²⁰. A oração era sempre vista como um meio de se manipular os deuses. Mounce disse que os gentios “desenvolveram extensas listas de nomes divinos, na esperança de que pela interminável repetição, de algum modo, invocassem o nome do deus verdadeiro e recebessem o que almejavam”²¹. A repetição em rituais pagãos está registrada tanto no Antigo como no Novo Testamento: “[Os profetas de Baal]... invocaram o nome de Baal, desde a manhã até ao meio-dia, dizendo: Ah! Baal, responde-nos!” (1 Reis 18:26), e a multidão no teatro de Éfeso gritou por duas horas: ‘Grande é a Diana dos efésios!’ (Atos 19:34)”²².

Versículo 8. Jesus não queria que Seus seguidores **se assemelhassem** a eles – ou seja, aos gentios (e aos hipócritas). Afinal, Deus, o Pai, já sabe do que Seus filhos têm **necessidade antes que** eles as peçam em oração. O propósito de orar não é informar ou manipular a Deus²³. Os filhos de Deus devem aproximar-se dEle com reverência, devoção e gratidão. Em oração, se demonstra a confiança em Deus como o Doador de toda boa dádiva (7:7–11; veja Tiago 1:17).

A Oração Modelo (6:9–13)

⁹Portanto, vós orareis assim:

**Pai nosso, que estás nos céus,
santificado seja o teu nome;**

¹⁰venha o teu reino;

faça-se a tua vontade,

assim na terra como no céu;

¹¹o pão nosso de cada dia dá-nos hoje;

¹²e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores;

¹³e não nos deixes cair em tentação; mas

²⁰Keener, p. 213; citando John E. Stambaugh e David L. Balch, *The New Testament in Its Social Environment*, Library of Early Christianity, vol. 2. Filadélfia: Westminster Press, 1986, p. 129.

²¹Mounce, p. 55.

²²Wilkins, pp. 44–45.

²³John R. W. Stott, *The Message of The Sermon on the Mount (Matthew 5—7): Christian Counter Culture*, The Bible Speaks Today. Downers Grove, Ill.: Inter-Varsity Press, 1978, p. 144.

livra-nos do mal [pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém]!

Era comum os rabinos judeus ensinarem seus alunos a orar. Os discípulos de Jesus pediram: “Senhor, ensina-nos a orar como também João ensinou aos seus discípulos” (Lucas 11:1). Nesta parte do sermão de Jesus, Ele ensinou aos discípulos os fundamentos básicos da oração a Deus.

A oração que Jesus ensinou (veja Lucas 11:2–4) é comumente chamada de “Oração do Pai Nosso”. Como seria mais apropriado chamá-la de “Oração dos Discípulos”? Afinal, a oração foi ensinada para eles e não foi uma das orações pessoais do Senhor (veja 26:36–46; João 17:1–26). Essa oração também é convenientemente chamada de “Oração Modelo”, pois Jesus deu através dela um esboço de como orar. Esta amostra de oração é breve, simples e, ao mesmo tempo, profunda.

Versículo 9. Jesus começou a orar dirigindo-Se a Deus como **Pai nosso, que estás nos céus**. Ele não disse, como nós certamente diríamos: “Pai meu”. Jesus disse: “Pai nosso”. Jesus é o Filho de Deus de uma forma única (João 3:16), mas Seus discípulos são filhos espirituais de Deus (João 1:11–13). É significativo que Jesus tenha instruído Seus seguidores a se aproximarem de Deus da mesma forma intimista usada por Ele. Paulo disse aos irmãos romanos que Deus enviou o Espírito do Seu Filho aos corações deles e eles podiam “clamar: Aba, Pai” (Romanos 8:15). “Aba” é o termo aramaico usado por uma criança para falar com o pai. É menos conhecido que “Papai”, e mais íntimo que “Pai”.

O conceito de Deus como Pai encontra-se no Antigo Testamento, embora não seja um tema proeminente (Êxodo 4:22; Deuteronômio 8:5; 14:1; 32:6; Salmos 2:7; 103:13; Isaías 63:16; 64:8; Jeremias 3:4, 19; Oseias 11:1–4; Malaquias 2:10). É interessante que, na literatura judaica do período interbíblico, haja alguns exemplos de Deus sendo tratado na oração como Pai²⁴. Todavia, Jesus popularizou a ideia de Deus como Pai durante Seu ministério.

Jesus disse que o **nome** de Deus deve ser **santificado**. O salmista escreveu: “Santo e tremendo é o seu nome” (Salmos 111:9). A NVI diz: “Santo e temível é o seu nome”. “Temível” não é um dos nomes de Deus, nem é um título para Deus; é um

²⁴Sabedoria de Salomão 14:3; Eclesiástico 23:1, 4.

modificador do Seu nome. O nome de Deus deve ser temido, reverenciado, honrado e respeitado (veja Êxodo 20:7).

“Santificado” é tradução de ἁγιαζῶ (*hagia-zō*). Santificar verdadeiramente o nome de Deus envolve honrá-LO, glorificá-LO e obedecer a Ele (5:16; 7:21; 1 Coríntios 10:31). Outros termos relacionados a “santificado” são “santo”, “santificar” e “santificação”. Deus é santo e Seus filhos devem ser santos também (1 Pedro 1:15, 16).

Versículo 10. Depois de Se dirigir a Deus e adorá-LO, Jesus voltou-Se para o Seu reino, dizendo: **“venha o teu reino”**. No momento em que Jesus ensinou essa oração aos discípulos, o reino de Deus ainda estava no futuro (3:2; 4:17; 10:7; Marcos 9:1; Atos 1:6–8). Essa oração tinha um caráter antecipatório, à espera do que aconteceria no dia de Pentecostes, conforme registrado em Atos 2. Naquele dia, Pedro pregou pela primeira vez o evangelho em sua totalidade. Ele disse que Deus ressuscitou Jesus para sentar-Se no trono de Davi, e que Ele estava no céu naquele momento, reinando sobre o reino de Deus (Atos 2:24–36). Jesus tornou-Se “Senhor e Cristo” (Atos 2:36), sendo “Cristo” o Messias ou “o Ungido de Deus”. O reino veio (Colossenses 1:13; Hebreus 12:28; Apocalipse 1:9). Cristo reina agora, e Ele reinará até entregar o reino de Deus ao Pai (1 Coríntios 15:24–26).

Em conexão direta com o reino, Jesus ensinou: **“faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu”**. No céu, há perfeita conformidade com a vontade de Deus por parte do exército de anjos. Os seguidores de Jesus foram instruídos a orar para que a mesma sujeição penetre os corações das pessoas na terra. Essa oração requer que os discípulos entreguem completamente suas vidas à vontade de Deus em primeiro lugar. Esta humilde atitude pode exigir grande sacrifício. O preço final foi pago por Jesus depois de proferir palavras semelhantes no Getsêmani: “Contudo, não se faça a minha vontade, e sim a tua” (Lucas 22:42).

Versículo 11. Jesus fez uma rápida transição de questões espirituais para necessidades físicas. Ele disse: **“O pão nosso de cada dia dá-nos hoje”**. A palavra grega traduzida por “cada dia” (ἐπιούσιος, *epiousios*) aparece somente neste versículo das Escrituras (com exceção do relato paralelo em Lucas 11:3). O termo poderia significar “suficiente”, “diário” ou “para amanhã”. Independentemente da tradução exata, a oração é para

que Deus providencie as necessidades básicas do suplicante. Em vez de “cada dia”, Lucas 11:3 diz “cotidiano”.

Em muitos países subdesenvolvidos, as pessoas ainda trabalham o dia inteiro por um salário suficiente apenas para pagar o alimento daquele dia. A prosperidade dos países desenvolvidos, por outro lado, parece levar a uma falta de gratidão e falta de dependência diária de Deus (Deuteronômio 6:10–12; 8:11–18). Quando Deus supria Israel com o maná do céu, Ele dava apenas a quantidade suficiente para um dia, exceto nos preparativos para o sábado de descanso (Êxodo 16:12–31). Se juntassem mais do que a porção para um dia, o maná excedente se deteriorava e ficava cheio de vermes na manhã seguinte. Tiago nos ensinou a insensatez das preocupações com o amanhã, pois ele pode até não chegar (Tiago 4:13–15; veja Mateus 6:34).

Versículo 12. Segundo Jesus, outro assunto pertinente na oração é o perdão. A palavra para **dívidas** (ὀφείλημα, *ofeilēma*) é uma das quatro palavras gregas para “pecado” (veja Lucas 11:4) e é usada pouquíssimas vezes no Novo Testamento. Todavia, sua forma verbal é usada mais de trinta vezes. Na língua aramaica, que era a língua comum da Palestina na época de Jesus, era costume se referir a pecado como uma “dívida” (*hobá*)²⁵. Esta é uma palavra apropriada para usarmos quando nos achegamos ao trono da graça de Deus, pois somos todos **devedores**. A parábola de Jesus sobre o credor incompassivo (18:23–35) foi contada para nos ensinar essa verdade. Outra lição desta parábola é que quem não perdoa não será perdoado por Deus. Jesus deixou isso claro em Sua oração modelo e depois aprofundou-Se no assunto em 6:14, 15. O perdão de Deus para conosco depende da nossa disposição para perdoar quem peca contra nós, independentemente da pessoa merecer ou não o nosso perdão. Temos que perdoar assim como Jesus perdoou a todos – até aos que O crucificaram (Lucas 23:34).

Versículo 13. Jesus concluiu Suas petições dizendo: **“E não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal”**. A palavra grega para “tentação” (πειρασμός, *peirasmos*) pode se referir a uma “prova” aplicada por Deus ou a uma “provação” mandada pelo diabo (veja os comentários sobre

²⁵Craig A. Evans, ed., *The Bible Knowledge Background Commentary: Matthew—Luke*, Bible Knowledge Series, vol. 1. Colorado Springs, Colo.: Victor, 2003, p. 232.

4:1). Deus permite que sejamos tentados, mas “Ele mesmo a ninguém tenta” (Tiago 1:13). Quando Deus permite que sejamos tentados, Ele impõe limites ao que Satanás pode nos fazer (Jó 1; 2), além de prover “livramento” (1 Coríntios 10:13).

O significado exato de “não nos deixes cair em tentação” geralmente é um ponto de discórdia entre os estudiosos. Indagamos: “Deus leva alguém a ser tentado?” Contudo, deve-se notar que Jesus foi “levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo” (Mateus 4:1). Embora muito do que acontece no reino espiritual seja mistério para nós (Efésios 6:12), podemos ter certeza de que “o Senhor sabe livrar da provação os piedosos” (2 Pedro 2:9). Portanto, os discípulos de Jesus devem orar para que “não entrem em tentação” (Mateus 26:41) e que Deus traga livramento do “mal” e do “maligno”.

Manuscritos gregos posteriores incluem esta doxologia, que a RA deixou entre colchetes: “[pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém]!”. O *Didaquê*, um escrito cristão do segundo século, contém um final mais curto: “Porque teu é o poder e a glória para sempre”²⁶. Os temas da doxologia (“reino”, “poder” e “glória”) espelham os encontrados na abertura da oração (6:9, 10).

Perdão Condicional (6:14, 15)

¹⁴Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; ¹⁵se, porém, não perdoardes aos homens [as suas ofensas], tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas.

Versículos 14 e 15. O vocábulo grego para **perdoardes** (*ἀφιήμι, afiēmi*) é o que significa “lançar fora”, “cancelar” ou “perdoar”. Quando pecamos e pedimos que Deus nos perdoe, Ele remove o nosso pecado e o lança fora. Embora Ele não esqueça o pecado, Ele não imputa esse pecado contra nós, e reage conosco como se jamais tivéssemos pecado²⁷.

²⁶*Didaquê* 8.2.

²⁷A promessa “Dos seus pecados jamais me lembrarei” (Hebreus 8:12; 10:17) significa simplesmente que Deus não nos castigará por causa de nossas transgressões. Veja F. F. Bruce, ed. geral, *Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamentos*; tradução: Waldemar Kroker. São Paulo: Editora Vida, 2009, pp. 2112ss.

Ofensas é a tradução da forma plural *παράπτωμα (paraptōma)*, que também pode ser traduzida por “transgressões”. Esta palavra é usada nos Evangelhos somente aqui e em Marcos 11:25 e 26. Carrega a ideia de “dar um passo em falso”, “tropeçar” ou “cair”. Assim como a palavra “dívida” (*ofeilema*) no versículo 12, “ofensas” é outro termo equivalente a “pecado”.

O perdão de Deus para conosco depende da nossa disposição em **perdoar aos homens** que pecaram contra nós. Se negarmos o perdão, então Deus **não nos perdoará**.

JEJUM (6:16–18)

¹⁶Quando jejuardes, não vos mostreis contristados como os hipócritas; porque desfiguram o rosto com o fim de parecer aos homens que jejuam. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. ¹⁷Tu, porém, quando jejuares, unge a cabeça e lava o rosto, ¹⁸com o fim de não parecer aos homens que jejuas, e sim ao teu Pai, em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.

Depois de comentar sobre a doação de esmolas (6:2–4) e a oração (6:5–15), Jesus prosseguiu falando da terceira disciplina espiritual que Seus discípulos deveriam praticar: o jejum (6:16–18). Mais uma vez, foram advertidos a não praticar atos de justiça para ganharem notoriedade dos homens.

Versículo 16. Jesus começou a falar sobre o jejum com a frase **quando jejuardes**. Assim como as práticas judaicas de dar esmolas (6:2) e oferecer orações (6:5), o jejum era uma atividade que Jesus presumiu que Seus discípulos já faziam.

A palavra hebraica do Antigo Testamento para “jejum” é *צום (tsum)*. A ideia de jejuar, explicada no que diz respeito ao Dia de Expição, é humilhar a alma (Levítico 16:29–31). Esse na verdade era o único jejum ordenado na Lei, porém, com o passar dos séculos outros dias de jejum foram estabelecidos. A tradição judaica afirmava: “No Dia da Expição é proibido: 1) comer, 2) beber, 3) lavar-se, 4) ungir-se com qualquer tipo de óleo, 5) calçar uma sandália, 6) ou ter relações sexuais”²⁸.

Alguns jejuns do Antigo Testamento eram ocasionais e extraordinários, ao passo que outros eram

²⁸Mishná, *Yoma* 8.1.

realizados com regularidade. O jejum era observado em casos de doença, luto, calamidade, tristeza pelo pecado e outras situações críticas (veja Salmos 35:13). Davi jejuou quando seu filho ficou doente e estava à beira da morte (2 Samuel 12:16–23). E Davi, juntamente com o povo de Jabes, jejuou e pranteou pela morte de Saul e de seus filhos durante sete dias (1 Samuel 31:12, 13; 2 Samuel 1:11–16). Tanto Moisés como Daniel jejuaram antes de receberem revelações de Deus (Êxodo 34:28; Daniel 9:3). Elias jejuou quando fugia da ira de Jezabel (1 Reis 19:8). Até o perverso Acabe jejuou quando foi informado de que Deus lhe traria um mal por causa de seus pecados. Reconhecendo sua contrição, Deus reteve esse mal (1 Reis 21:27). O Antigo Testamento contém exemplos de jejum em grupo e em nível nacional (Josué 7:6; Juízes 20:24–28; 1 Samuel 7:6; 2 Crônicas 20:3; Esdras 8:21–23; Neemias 9:1; João 3:5). Quando os judeus foram levados cativos para a Babilônia, eles estabeleceram períodos para jejuar, a fim de demonstrar arrependimento por seus pecados. Zacarias mencionou que eles observavam jejuns no quarto, quinto, sétimo e décimo mês (Zacarias 7:1–7; 8:19).

O verbo grego traduzido por “jejuar” (νηστεύω, *nēsteuō*) e seus derivados ocorrem cerca de trinta vezes no Novo Testamento. Essas palavras significam abster-se de alimento ou bebida. Jejuar, na maioria das vezes, está associado a um propósito espiritual. Quando devidamente praticado, ele conduz o adorador para mais perto de Deus. Também está geralmente ligado à oração (Lucas 2:37; 5:33; Atos 13:3; 14:23). Jejuar não é uma prática para ser exibida; o jejum é prova de uma atitude profundamente contrita e solene e de uma disposição de coração.

Jesus, que viveu e morreu debaixo da lei de Moisés, jejuou quarenta dias e quarenta noites antes de Seu encontro com Satanás no deserto (4:2). Ele não ordenou que Seus discípulos jejuassem. Contudo, deixou implícito que Seus seguidores jejuariam.

Não temos exemplos de que a igreja primitiva jejuasse com regularidade no Novo Testamento. Cristãos jejuaram antes de tomar decisões importantes, como mandar Paulo e Barnabé na primeira viagem missionária (Atos 13:2) e antes de escolher presbíteros para servir uma congregação (Atos 14:23).

Quando Cristo veio, os fariseus estavam jejuando duas vezes por semana (Lucas 18:12), geral-

mente às segundas e quintas-feiras porque eram dias comerciais²⁹. Isto lhes permitia a oportunidade de impressionar o público com sua devoção. Os homens a quem Jesus censurou se mostravam **contristados e desfiguravam o rosto com o fim de parecer** que jejuavam. Andavam pelas ruas despendeados, com roupas amassadas e com os rostos cobertos de pó para parecerem pálidos. Mais uma vez, Jesus disse que aqueles hipócritas – que fingiam publicamente serem humildes diante de Deus – **já** haviam recebido **a recompensa**.

Versículos 17 e 18. Ao contrário disso, Jesus orientou Seus discípulos a não deixarem seu jejum ficar evidente para os outros. Em oposição à tradição judaica, Ele disse para Seus discípulos **ungirem a cabeça e lavarem** o rosto com água durante o período de jejum³⁰. É óbvio que Jesus estava tão preocupado com o fato de se praticar a justiça privadamente, que Ele foi contrário aos aspectos costumeiros daquilo que Seus contemporâneos consideravam os elementos de um jejum severo³¹. É admissível que às vezes era difícil manter o jejum em total sigilo (veja os comentários sobre 6:4, 6), mas o discípulo deveria procurar fazê-lo secretamente. A questão é que os seguidores de Jesus não deveriam tornar públicos seus atos de justiça. Se eles jejuassem humildemente, Deus os recompensaria.

LIÇÕES

DAR DE CORAÇÃO (6:2–4)

Em Mateus 6:1–18, Jesus discorreu acerca da realização de obras de justiça, incluindo o dar esmolas, a oração e o jejum. Na primeira dessas três seções (6:2–4), aprendemos três lições sobre dar esmolas ou fazer doações e ofertas.

Em primeiro lugar, devemos dar por amor a Deus, e não para sermos vistos pelos que nos rodeiam. Jesus advertiu Seus discípulos a não darem para impressionar os outros. A história de Ananias e Safira ilustra bem esse princípio. O casal vendeu uma propriedade, e depois Ananias entregou parte do montante da venda aos pés dos apóstolos. Ele

²⁹Mishná, *Taanith* 1.4–7; 2.9. O *Didaqué* (segundo século) instruíu os crentes desta forma: “Que o jejum de vocês não coincida com os dos hipócritas. Eles jejuam no segundo e no quinto dia da semana. Vocês, porém, jejuem no quarto dia e no dia da preparação [sexta-feira]” (*Didaqué* 8.1).

³⁰Foi somente *depois* de jejuar que Davi “lavou-se, ungiu-se, mudou de vestes” (2 Samuel 12:20).

³¹Keener, p. 228.

guardou para si um pouco do dinheiro, fingindo que estava dando tudo. Ananias fez isto com pleno consentimento da esposa, Safira. O resultado dessa mentira compactuada foi a morte de ambos; Deus fez da hipocrisia deles um exemplo para os demais cristãos (Atos 5:1–11). Jesus disse que quem dá com a finalidade de ser visto por outros já “teve sua recompensa” – ou seja, o aplauso dos homens será a única recompensa que essa pessoa receberá. As doações de um cristão devem fluir de um coração que ama a Deus. João escreveu: “Nós amamos porque Ele nos amou primeiro” (1 João 4:19). Dando, hoje, para honrar a Deus, seremos recompensados no futuro.

Em segundo lugar, devemos dar discretamente. Com respeito a dar, Jesus disse “que a mão esquerda não deve saber o que a direita está fazendo”. Essas palavras podem ser um antigo provérbio sobre a máxima discrição que se deve ter ao se fazer uma boa ação, como dar. Quando damos, não estamos exibindo nossa generosidade perante os outros.

Em terceiro lugar, devemos dar para verdadeiramente ajudar o próximo. No contexto de Mateus, Jesus estava tratando da prática judaica de dar esmolas aos pobres. O próprio Jesus foi exemplo de compaixão, suprimindo muitas necessidades. Algumas dessas necessidades eram físicas (fome, enfermidade, doença e morte), outras eram espirituais (ignorância, possessão demoníaca e morte espiritual). Quando fazemos uma doação ou ofertamos o nosso alvo também deve ser aliviar o sofrimento de outros. Tiago escreveu: “A religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo” (Tiago 1:27). Mais adiante em sua carta, Tiago mostrou o que ele quis dizer com “visitar”: “Se um irmão ou uma irmã estiverem carecidos de roupa e necessitados do alimento cotidiano, e qualquer dentre vós lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos, sem, contudo, lhes dar o necessário para o corpo, qual é o proveito disso?” (Tiago 2:15, 16). Sentir compaixão pelas pessoas em necessidade não ajuda em nada; precisamos fazer alguma coisa para aliviar a dificuldade. O ensino de Jesus sinaliza que a verdadeira compaixão pelos que estão sofrendo nos levará a socorrê-los em suas necessidades.

Nossa dádiva não tem que ser grande aos olhos dos homens para ser valorizada aos olhos de Deus. A contribuição de uma viúva de “duas moedinhas”

chamou a atenção de Jesus (Marcos 12:41–44). A verdadeira caridade pode incluir algo tão simples como uma peça de roupa, uma refeição quente, ou um copo de água fresca (10:42; 25:34–40).

ORAÇÃO (6:5–8)

Considerando que o Pai já sabe do que precisamos antes de pedirmos a Ele, por que temos que pedir? Deus sabe do que precisamos, mas Ele ainda quer que falemos com Ele (7:7; Filipenses 4:6). Às vezes, Ele quer que peçamos mais de uma vez. Jesus contou duas parábolas para ilustrar essa verdade, uma sobre o amigo à meia-noite (Lucas 11:5–10) e outra sobre a viúva insistente (Lucas 18:1–8). Assim como Jesus orou, no Getsêmani, três vezes pelo mesmo pedido (26:36–46), Paulo orou três vezes para que seu “espinho na carne” fosse removido (2 Coríntios 12:7–10). Deus não está mais preocupado com a duração ou brevidade das nossas orações do que com a nossa tendência de parar de orar completamente. Não podemos importunar Deus para que Ele se submeta aos nossos desejos, mas às vezes Ele pode querer que entendamos como precisamos desesperadamente da resposta dEle para uma oração em particular.

A oração correta envolve um coração sincero e motivos puros. Também inclui orar com a confiança de que Deus ouve e responde a cada oração como for melhor para os Seus filhos (1 João 5:14, 15). Precisamos sempre orar em sujeição “à vontade de Deus”. Não podemos dizer sinceramente: “Seja feita a Tua vontade”, se não estivermos fazendo a vontade dEle. Para orarmos em conformidade com a vontade de Deus, precisamos estudar a Sua Palavra para saber qual é a vontade dEle. Quando dizemos com sinceridade: “Seja feita a Tua vontade”, Ele sempre responde nossas orações. Talvez Ele diga “sim”, “não” ou “espere um pouco”, mas Ele sempre responderá as orações do Seu povo.

A ORAÇÃO MODELO (6:9–13)

Quando Jesus ensinou Seus discípulos a orar, Ele incorporou três elementos que fazem parte das nossas orações hoje.

Em primeiro lugar, devemos oferecer louvor ao Pai (6:9). Deus é digno de ser louvado como nosso Criador, Provedor e Redentor. Devemos louvá-Lo pelos Seus atributos de amor, santidade, misericórdia e graça (Apocalipse 4:8–11).

Em segundo lugar, devemos dar prioridade ao reino (6:10). Jesus já estabeleceu o Seu reino, a igreja (16:18,

19; Atos 2). Todavia, ainda podemos orar pelo crescimento do reino, pela evangelização da nação, e por cada pregador, evangelista e professor que está tentando fielmente propagar a Palavra de Deus.

Em terceiro lugar, devemos pedir pelo alimento (6:11). Deus já sabe do que necessitamos (6:32), mas devemos nos aproximar dEle em oração pedindo pelas necessidades básicas da vida – como alimento, roupas e moradia. Devemos agradecer-LO pelo que Ele já fez no passado e pedir que Ele nos sustente no futuro.

Em quarto lugar, devemos buscar o perdão por nossos pecados (6:12). Ainda que nossos pecados do passado tenham sido perdoados, continuamos longe das expectativas de Deus. Precisamos nos purificar continuamente no sangue de Cristo e devemos pedir perdão em oração (1 João 1:7–10). Precisamos demonstrar um espírito perdoador para com os outros, se esperamos que Deus nos perdoe.

Em quinto lugar, devemos rogar por proteção do mal (6:13). Precisamos estar constantemente alertas para a batalha espiritual que está sendo travada ao nosso redor (Efésios 6:10–20) e pedir que Deus nos proteja da tentação e nos fortaleça através do Espírito Santo para vencermos as tribulações que enfrentamos.

David Stewart

A REPETIÇÃO DA ORAÇÃO MODELO

(6:9–13)

A oração modelo jamais teve como objetivo ser memorizada e repetida. Ela foi ensinada pelo Senhor como um exemplo para Seus discípulos aprenderem os elementos básicos da oração (Lucas 11:1–4). Recitar essa oração continuamente é uma violação do que Jesus já ensinou sobre “vãs repetições” (6:7). Os judeus tinham muitas orações rotineiras que eram verbalizadas com tanta frequência que perdiam o significado. Quem utiliza livros de oração deve tomar cuidado para não cometer o erro de acabar simplesmente lendo ou falando da boca para fora palavras e frases sem pensar no verdadeiro sentido delas. É igualmente errado repetirmos sempre as mesmas frases sem estar orando de coração e com sinceridade. Não encontramos em nenhum trecho do Novo Testamento – nem nos Evangelhos, nem em Atos, nem nas Epístolas – os cristãos primitivos recitando as palavras da oração modelo de Jesus³². Sem dúvida,

³²A prática de se repetir a oração modelo remonta ao

é benéfico memorizar a oração modelo e repeti-la, como fazemos com qualquer outra passagem bíblica, ou refletir no seu significado para nós hoje. Todavia, Jesus jamais a idealizou para ser orada de uma forma repetitiva e ritualística.

“PAI NOSSO” (6:9)

Somente os que “nasceram de novo” na família de Deus têm Deus como um Pai espiritual (João 3:3; Mateus 23:9). Num sentido, todos são filhos de Deus, pois Ele nos gerou; porém somente aqueles que foram “regenerados” são filhos espirituais de Deus. Hoje, alguns desejam reivindicar “filiação” a Deus tomando por base a fé somente, mas isto é insuficiente (Gálatas 3:26, 27). Alguns querem tirar a água do novo nascimento, mas é impossível ser um filho ou uma filha espiritual de Deus sem ter nascido da “água e do Espírito” (João 3:5). Deus não tem enteados. Uma das bênçãos de ser filho de Deus é a promessa de orações respondidas (1 Pedro 3:12; 1 João 5:14, 15). Se somos cristãos, então Deus é nosso Pai – “Pai nosso que está no céu”. Todos os recursos do céu encontram-se à nossa disposição quando oramos. Paulo escreveu que o nosso “Deus... nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo” (Efésios 1:3). Deus quer abençoar os Seus filhos (7:7–11).

“VENHA A NÓS O VOSSO REINO” (6:10)

O pedido pela vinda do reino foi respondido no primeiro Pentecostes após a ressurreição de Jesus (Atos 2). Embora não seja adequado orarmos pela vinda do reino hoje, é bom orarmos para que a vontade de Deus seja feita “na terra e no céu”. Agora que o reino está aqui, a vontade de Deus está sendo feita na terra por todos que O honram. Deus é soberano, mas Ele deu à humanidade livre arbítrio. Isto significa que podemos optar por fazer a vontade de Deus ou não.

Tomando por base este contexto, pelo que devemos orar hoje? Primeiramente, cada um de nós deve orar para que a vontade de Deus seja feita em nossas vidas. Em segundo lugar, é certo orar para que o governo de Deus domine toda a terra, assim como domina o céu. Nossa oração sempre deve ser para que cada pessoa responsável se submeta à vontade do Pai.

segundo século. Talvez se espelhando em práticas judaicas, o *Didaqué* instrui os crentes a orarem a oração modelo três vezes ao dia. (*Didaqué* 8.2, 3.)